

RESENHAS

NÃO AOS ESTEREÓTIPOS

ANDRÉE MICHEL

Trad. Z. Alambert e V. Nagib

São Paulo, CECF, 1988

Em 1982, a UNESCO encomendou a 7 países (China, França, Kuwait, Noruega, Peru, República Socialista Soviética da Ucrânia e Zâmbia) estudos nacionais sobre a imagem dos papéis sexuais nos livros escolares e para crianças. A partir deles, Andrée Michel elaborou *Não aos Estereótipos*, livro editado pela UNESCO em 1986 e que o Conselho Estadual da Condição Feminina está lançando em português.

A estrutura e a linguagem do livro são perfeitamente adequadas a uma ampla divulgação junto ao público diretamente envolvido com a educação de crianças e jovens no Brasil: discute os conceitos básicos (sexismo, estereótipo, preconceito); descreve estereótipos sexistas na sociedade e na escola — em particular nos livros escolares; apresenta as ações que estão sendo desenvolvidas em várias regiões do mundo para eliminar o sexismo dos livros didáticos e de literatura infantil, finalizando com anexos bibliográficos, roteiro da pesquisa encomendada pela UNESCO e recomendações das editoras Fernand Nathan (francesa) e McGraw-Hill (norte-americana) elaboradas para serem usadas como guias anti-sexistas por autores(as) e ilustradores(as) de livros didáticos.

A universalidade de imagens estereotipadas e bipolares de homens e mulheres, apesar da diversidade dos contextos geopolíticos em que os estudos foram realizados, salienta a gravidade do problema e evidencia, mais uma vez, que é na infância que a humanidade se vê mais exposta a manifestações de preconceitos por parte de adultos.

A concepção de livro didático que Andrée Michel assume em sua análise contrapõe-se a concepções que estiveram em voga no Brasil há poucos anos, atrás, que afirmavam que preconceitos e estereótipos aí detectados nada mais seriam que o reflexo de discriminações sexuais ou (raciais) e que propor alterações a seu conteúdo seria inútil ou intervenção arbitrária equivalente à censura. Andrée Michel, assim, se posiciona: "partindo do princípio de que os livros didáticos e para crianças devem não apenas refletir a realidade mas se constituírem, igualmente, em fator de mudança e preparação para o futuro, visando a igualdade entre os sexos, pode-se avançar, desde já, duas idéias básicas que poderiam contribuir para detectar o sexismo".

"Existe sexismo quando os textos e as ilustrações dos

livros didáticos e dos livros para crianças descrevem homens e mulheres, meninos e meninas em funções estereotipadas que não refletem a diversidade de papéis. Primeira manifestação do sexismo: o fato de negar a realidade social e a diversidade de situações, o que acarreta a apresentação caricatural de imagens e de papéis masculinos e femininos. Sobre este ponto a concordância é unânime."

"Há também sexismo quando os livros didáticos se limitam a expor a situação existente, sem criticá-la ou sem apresentar alternativas. Isto equivale, com efeito, a aceitar implicitamente as desigualdades e as discriminações que existem contra meninas e mulheres na maioria das sociedades atuais, e, portanto, a reforçá-las."

No que diz respeito às propostas de alteração da situação existente, a autora transcreve grades e metodologias de análise adequadas, pois pertinentes e simples, que podem ser usadas por qualquer pessoa. Salienta o papel fundamental do(a) professor(a) no reforçamento, ou não, dos papéis tradicionais e na necessidade de uma formação específica sobre a questão.

Corajosamente, para uma francesa, a autora critica o sexismo contido na gramática, propondo e usando em seu próprio texto alterações gramaticais — como o uso de feminino para profissões que no léxico francês só existem no masculino — o que leva a UNESCO a alterar sua fórmula habitual de resguardar-se da responsabilidade sobre o conteúdo de textos que edita: "Andrée Michel [...] é responsável pela escolha e pela apresentação dos fatos que ela analisou e pelas opiniões que exprime, que não refletem necessariamente a visão da UNESCO, bem como da *nova terminologia* que adotou". Risível, se não paradoxal.

Gostaria de ter escrito esse livro. Esta inveja saudável me permite duas sugestões: daria maior destaque à relação sexo-raça (o estereótipo sexual é mais intenso quando se trata de "minorias" étnico-raciais); acrescentaria ao rol de intervenções e sugestões para o combate ao sexismo uma ação simples e adequada para os países que, como o Brasil, são compradores de livros didáticos de empresas privadas, geralmente refratárias a inovações, e que distribuem textos sexistas e racistas: imprimir, como antídoto, na contracapa dos próprios livros didáticos, a advertência "Este livro pode veicular estereótipos sexuais e raciais" (como se faz nos maços de cigarro) seguida de uma grade de análise simples para a captação do estereótipo, para ser trabalhada com os(as) alunos(as).

Fúlvia Rosemberg

Pedidos: Conselho Estadual da Condição Feminina — SP
Rua Batatais, 187, tel.: 887-0900, 887-1188.